

# **Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 5**

---

**Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)**

**Atena**  
Editora  
Ano 2019



Marcos William Kaspchak Machado  
(Organizador)

# Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 5

Atena Editora  
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas  
5 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak  
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –  
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais  
Aplicadas; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-165-7

DOI 10.22533/at.ed.657191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.  
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume V apresenta, em seus 36 capítulos os estudos mais recentes sobre as aplicações jurídicas, da psicologia, da ética e da comunicação na sociedade contemporânea.

A áreas temáticas deste livro mostram as aplicações dos estudos jurídicos sobre o cotidiano e o impacto de políticas inclusivas na construção dos espaços sociais modernos. Além disso a obra ressalta a importância das abordagens da ética e sociologia.

No segundo momentos são agrupados os estudos emergentes na área da psicologia e dos processos de comunicação e sua contribuição na construção de um ambiente pautado na educação, inclusão e participação ativa dos grupos sociais.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A INTERDISCIPLINARIDADE NO DIREITO	
Elizabeth Alves Brito	
Rafaela da Cunha Cavalcanti	
Ranulfo Barbosa Santos Filho	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>8</b>
A APLICAÇÃO DA TEORIA DO INADIMPLEMENTO MÍNIMO, OU ADIMPLEMENTO SUBSTANCIAL, AO ORDENAMENTO JURÍDICO BRASILEIRO: CONCEITUAÇÃO E CONCRETIZAÇÃO	
Luiz Mesquita de Almeida Neto	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>17</b>
A CONCENTRAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ACUSAR E INVESTIGAR: “PODERES” INVESTIGATÓRIOS DO MINISTÉRIO PÚBLICO	
Luiza Reiniger Severo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>26</b>
NOVAS LEIS PARA RESOLVER VELHOS PROBLEMAS - A EFETIVIDADE DA LEI E SUAS IMPLICAÇÕES COM O ADVENTO DO NOVO CÓDIGO DE PROCESSO CIVIL	
Gisele Beran Medella D’Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>40</b>
NEGÓCIOS PROCESSUAIS A PARTIR DO CPC/15: ALCANCES E LIMITES SOB A PERSPECTIVA DA BOA-FÉ E DA SEGURANÇA JURÍDICA	
Nathally Bianque Lopes Pereira	
Luciano Souto Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>61</b>
EXECUÇÃO PENAL NO BRASIL E DIREITOS HUMANOS: UMA RELAÇÃO ANTAGÔNICA NA PRÁXIS	
Gabriel Pereira de Carvalho	
Gustavo de Assis Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911036</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>63</b>
O INSTITUTO DA FEDERALIZAÇÃO DAS GRAVES VIOLAÇÕES AOS DIREITOS HUMANOS	
Denis Roberto Peçanha de Sant’Anna Almeida	
Luiz Felipe Barboza Domingues	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911037</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>74</b>
A SITUAÇÃO CARCERÁRIA E A JUSTICIABILIDADE DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DAS PESSOAS PRIVADAS DE LIBERDADE	
Karla Tayumi Ishiy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6571911038</b>	

**CAPÍTULO 9 ..... 90**

A FUNÇÃO SOCIAL E O EQUILÍBRIO CONTRATUAL NAS RELAÇÕES MASSIFICADAS DE CONSUMO

Marcelly Alves Araújo  
Marina Arantes de Souza  
Vitor Lemes Castro

**DOI 10.22533/at.ed.6571911039**

**CAPÍTULO 10 ..... 100**

A CONSTITUCIONALIDADE DAS NOVAS BIOTECNOLOGIAS AO SISTEMA AGROALIMENTAR BRASILEIRO

Ana Carolina de Moraes Garcia

**DOI 10.22533/at.ed.65719110310**

**CAPÍTULO 11 ..... 115**

SEGURANÇA E SAÚDE NO TRABALHO NA INDÚSTRIA SALINEIRA: ESTUDO DE CASO EM UMA SALINA DO MUNICÍPIO DE MACAU/RN

Brenno Dayano Azevedo da Silveira  
Priscylla Cinthya Alves Gondim  
Rogerio Taygra Fernandes Vasconcelos  
Almir Mariano de Sousa Junior

**DOI 10.22533/at.ed.65719110311**

**CAPÍTULO 12 ..... 130**

O FORO POR PRERROGATIVA DE FUNÇÃO E SUA (DES)HARMONIA COM O SISTEMA CONSTITUCIONAL PÁTRIO

Guilherme Giovane Alves Taets  
Raissa Dias Timóteo  
Ana Cristina Magalhães Araújo Gorgulho

**DOI 10.22533/at.ed.65719110312**

**CAPÍTULO 13 ..... 139**

O IMPACTO DO CASO “A ÚLTIMA TENTAÇÃO DE CRISTO (OLMEDO JUSTO E OUTROS) VS. CHILE” COMO MARCO DA INFLUÊNCIA DA JURISPRUDÊNCIA INTERNACIONAL EM PAÍSES DA AMÉRICA LATINA

Beatriz Mendes Niyama  
Gabriel Luís Massutti de Toledo Leme

**DOI 10.22533/at.ed.65719110313**

**CAPÍTULO 14 ..... 143**

PRECONCEITOS DE GÊNERO E SUA MANIFESTAÇÃO NAS DECISÕES JUDICIAIS BRASILEIRAS

Natália de Souza e Mello Araújo

**DOI 10.22533/at.ed.65719110314**

**CAPÍTULO 15 ..... 145**

O RECONHECIMENTO DO CASAMENTO DE CASAIS COM SEXUALIDADES FORA DA NORMA: DO PROJETO DE LEI Nº 1.151 DE 1995 À RESOLUÇÃO Nº 175 DE 2013

José Aélson Pereira de Araújo  
Carolina Quarteu Rivera

**DOI 10.22533/at.ed.65719110315**

<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>153</b>
O PRINCÍPIO DA DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA APLICADO NA LEI MARIA DA PENHA	
Antônia Alice Soares Araújo	
Iáscaro Alves Campelo	
Milton Sávio Melo Souto do Monte	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110316</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>165</b>
BILHETES/ <i>BEREUS</i> COMO AGENCIAMENTO PARA COMUNICAR NECESSIDADES DE SAÚDE EM PENITENCIÁRIA, MATO GROSSO	
Reni Aparecida Barsaglini	
Emília Carvalho Leitão Biato	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110317</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>177</b>
REDE: UMA CATEGORIA EM ANÁLISE	
Edjavane da Rocha Rodrigues de Andrade	
Maria de Fátima Leite Gomes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110318</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>188</b>
A EFETIVIDADE DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DO ESTATUTO DO IDOSO COMO GARANTIA AOS DIREITOS SOCIAIS	
Priscilla Roberta Alves Diniz	
Andrea Silvana Fernandes de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110319</b>	
<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>199</b>
GESTÃO DE MOBILIDADE E AS POLÍTICAS PÚBLICAS PARA TRECHEIROS EM CIDADES PEQUENAS	
Cledione Jacinto de Freitas.	
José Sterza Justo	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110320</b>	
<b>CAPÍTULO 21</b> .....	<b>214</b>
PERFIL DE ACESSIBILIDADE NOS RESTAURANTES E HOTEIS DA ORLA MARITIMA DE JOÃO PESSOA: VERIFICAÇÃO DA IMPLANTAÇÃO DE MEDIDAS DE ACESSIBILIDADE	
Yakey Santos da Silva	
Francielly Sales da Silva	
Paula Dutra Leão de Menezes	
Patrícia Pinheiro Fernandes Vieira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110321</b>	
<b>CAPÍTULO 22</b> .....	<b>229</b>
O PROTAGONISMO DE IDOSAS FRENTE A CATÁSTROFES NATURAIS: A RESILIÊNCIA EM QUESTÃO	
Leda Nardi	
Marluce Auxiliadora Borges Glaus Leão	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110322</b>	

**CAPÍTULO 23 ..... 238**

OMÉDICOVETERINÁRIONONASF: SUA IMPORTÂNCIA NA PREVENÇÃO DE ANTROPOZOONOSES E A ATUAL SITUAÇÃO DO MUNICÍPIO DE PETROLINA (PE) – REVISÃO DE LITERATURA

Lorena Maria Souza Rosas  
Larissa de Sá Carvalho  
Raisa Maria Souza Rosas  
Vanessa Souza Inoue  
Ana Caroline dos Santos  
Lucas da Silva Coutinho

**DOI 10.22533/at.ed.65719110323**

**CAPÍTULO 24 ..... 246**

SOBRE O LUTO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOPATOLOGIA FUNDAMENTAL

André Victor Machado  
Camila da Silva Ferrão  
Giovanna Silva Segalla  
Maria Virginia Filomena Cremasco

**DOI 10.22533/at.ed.65719110324**

**CAPÍTULO 25 ..... 262**

O PREÇO PELA EXPANSÃO DOS HORIZONTES FEMININOS: UMA ANÁLISE DIFERENCIADA DO ESTRESSE, OS MÚLTIPLOS PAPÉIS E A SOMATIZAÇÃO

Paula Beatriz Viana  
Cristiane Camargo de Oliveira Brito

**DOI 10.22533/at.ed.65719110325**

**CAPÍTULO 26 ..... 270**

A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA: AS MULHERES IDOSAS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira

**DOI 10.22533/at.ed.65719110326**

**CAPÍTULO 27 ..... 283**

A ORGANIZAÇÃO DE MULHERES RURAIS ATRAVÉS DE GRUPOS DE PRODUÇÃO NO MUNICÍPIO DE HELIÓPOLIS/BA

Vanderleia Alves de Oliveira  
Acácia Batista Dias  
Ildes Ferreira de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.65719110327**

**CAPÍTULO 28 ..... 296**

PARTICIPAÇÃO FEMININA NAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DO MUNICÍPIO DE VALENTE

Diana Paula Nunes do Carmo  
Acácia Batista Dias  
Ildes Ferreira de Oliveira

**DOI 10.22533/at.ed.65719110328**

**CAPÍTULO 29 ..... 310**

A IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO E RESOLUÇÃO NÃO VIOLENTA DE CONFLITOS: CULTURA DE PAZ NO AMBIENTE ESCOLAR

Alan Willian Leonio da Silva  
Lúcio Mauro da Cruz Tunice

**DOI 10.22533/at.ed.65719110329**

<b>CAPÍTULO 30</b> .....	<b>317</b>
A DIDÁTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS NAS ABORDAGENS DE ENSINO HUMANISTA E SOCIOCULTURAL	
Nilsen Aparecida Vieira Marcondes Edna Maria Querido de Oliveira Chamon Maria Aparecida Campos Diniz de Castro	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110330</b>	
<b>CAPÍTULO 31</b> .....	<b>323</b>
FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DA TEMÁTICA AMBIENTAL E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	
Victor Hugo de Oliveira Henrique	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110331</b>	
<b>CAPÍTULO 32</b> .....	<b>334</b>
A CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DA MÍDIA: UMA ANÁLISE DO PODER DE INFLUÊNCIA DA MÍDIA BRASILEIRA, EM UM DEBATE COMPARATIVO ENTRE A REFORMA TRABALHISTA E A CONDENAÇÃO DE LULA	
Hellen Cristina Silva de Oliveira Raphael dos Santos Freitas Victor Pimenta Bueno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110332</b>	
<b>CAPÍTULO 33</b> .....	<b>348</b>
A DEMOCRATIZAÇÃO DA COMUNICAÇÃO: A REGULAMENTAÇÃO DA MÍDIA NO BRASIL	
Márcio de Oliveira Guerra Vitor Pereira de Almeida	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110333</b>	
<b>CAPÍTULO 34</b> .....	<b>357</b>
PUBLICIDADE E MEDIATIZAÇÃO: UMA REVISÃO BIBLIOMÉTRICA	
Diogo Rógora Kawano Leandro Batista	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110334</b>	
<b>CAPÍTULO 35</b> .....	<b>371</b>
SE EU TEMO, ENTÃO VOCÊ TAMBÉM VAI TER MEDO DE PERDER: OS BENS DE FORTUNA E A “PUBLICIDADE DE CHOQUE”	
Danielle Cândido Maria Virgínia Borges Amaral	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110335</b>	
<b>CAPÍTULO 36</b> .....	<b>384</b>
UMA PITADA DE RÁDIO NA POLÍTICA BRASILEIRA	
Luciana Antunes Renato Teixeira Elvis W Santos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.65719110336</b>	
<b>SOBRE O ORGANIZADOR</b> .....	<b>392</b>

## A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA COTIDIANA: AS MULHERES IDOSAS NA CIDADE CONTEMPORÂNEA

**Nádia Cristina Moraes Sampaio Gobira**

Instituto Federal da Bahia-IFBA

Campus Vitória da Conquista

**RESUMO:** A sociedade brasileira não assimila a velhice como uma categoria social plena de direitos, deveres e como participante ativa na vida urbana. A imagem do idoso e da idosa ainda representa um problema social que não foi equacionado. Aparece como um entrave para o desenvolvimento, ao desconsiderar toda a contribuição que eles deram e até agora dão à produção de bens, serviços e conhecimentos. Esse estudo baseia-se em conhecer as mulheres idosas participantes de grupos voltados para a terceira idade no espaço urbano e vinculou-se ao campo da pesquisa qualitativa. Assim, é fundamental a leitura dos grupos de terceira idade, pois eles têm representado uma possibilidade de ampliação dos espaços, simbólicos e significativos da mulher idosa, na cidade baiana de Vitória da Conquista, bem como uma profunda resignificação para um envelhecimento mais representativo e maior qualidade de vida.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cidade, espaço simbólico, mulheres idosas

**ABSTRACT:** Brazilian society does not assimilate old age as a social category full of

rights, duties and as an active participant in urban life. The image of the elderly and the elderly still represents a social problem that has not been equated. It appears as an obstacle to development, by disregarding all the contribution they have made to the production of goods, services and knowledge. This study is based on knowing the elderly women participants of groups directed to the elderly in urban space and was linked to the field of qualitative research. Thus, it is fundamental to read the third age groups, since they have represented a possibility of expanding the symbolic and meaningful spaces of the elderly woman in the city of Vitória da Conquista, as well as a profound re-signification for a more representative and greater aging quality of life.

### 1 | INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira não assimila a velhice como uma categoria social plena de direitos, deveres e como participante ativa na vida comunitária. A imagem do idoso e da idosa ainda representa um problema social que não foi equacionado. Aparece como um entrave para o desenvolvimento, ao desconsiderar toda a contribuição que eles deram e até agora dão à produção de bens, serviços e conhecimentos.

Mediante essa realidade, tem-se no Brasil

um acelerado processo de envelhecimento populacional constituindo-se uma das maiores conquistas do presente século. Com o aumento da expectativa de vida no espaço urbano, existe uma sobrevivência maior e melhor entre as mulheres, ou seja, não há como esconder o fenômeno conhecido pelos Demógrafos como feminização da velhice. Nesse contexto, é essencial considerar o espaço da mulher idosa na cidade contemporânea.

Para tanto, é imprescindível conhecer como esse grupo social está inserido no espaço urbano. Em Vitória da Conquista, na Bahia, os grupos da terceira idade, Sempre Viva e Vivendo a Terceira Idade têm possibilitado a reinserção dos idosos e idosas, nas programações culturais, nos ambientes públicos e privados no cotidiano urbano.

Com a promoção de ações tais como: a dança, as rodas de conversa, o ensino de várias formas de artesanato, a formação de corais, teatro, os contadores de história dentre outras atividades, especialmente a mulher idosa, pode ressignificar sua existência e ampliar as possibilidades de ocupação de espaços, sobretudo, simbólicos na vida cidadina.

## 2 | A CIDADE CONTEMPORÂNEA E A VELHICE

Quem é esta mulher de média altura

Que mesmo tendo seus cabelos brancos,

Andando firme com os passos francos

Tudo na casa resolver procura?

(PATATIVA DO ASSARÉ, 2004, p.65)

A leitura da cidade instiga a pensar nos seus habitantes, ou seja, nos sujeitos sociais, nos homens e nas mulheres que a habitam e a preenchem. Nesse sentido, a cidade corresponde ao movimento, a dinâmica impressa pela sociedade que a compõe. Assim, tem-se os discursos do habitante, do tempo e da época que se dialogam conjuntamente. É essencial compreender a estreita ligação do passado e do presente que se confundem, se afirmam e até mesmo se negam seja para que propósito for. No entanto, na leitura dos pormenores, nas linhas do cotidiano de uma cidade está a revelação do seu tempo histórico. Conforme Carlos (2007, p.12) argumenta:

A cidade, enquanto construção humana, é um produto histórico-social e nesta dimensão aparece como trabalho materializado, acumulado ao longo do processo histórico de uma série de gerações. Expressão e significação da vida humana, obra e produto, processo histórico cumulativo, a cidade contém e revela ações passadas, ao mesmo tempo em que o futuro, que se constrói nas tramas do presente – o que nos coloca diante da impossibilidade de pensar a cidade separada da sociedade e do momento histórico analisado.

Diante disso, observa-se que é imprescindível reconhecer a cidade como o cenário

privilegiado que torna possível a realização da vida humana. É o local das trocas, do comércio, da convivência diária e complexa de pessoas e de lugares, convergindo fluxos materiais e imateriais, o que leva a compreensão de que “atualmente, a cidade é o *locus* privilegiado da vida social, à medida que, mais do que abrigar a maior parte da população, ela produz um modo de vida que se generaliza”. (CAVALCANTI, 2001, p.11). Ela contém os interesses de todos os grupos sociais que a constroem, com os embates e os consensos ao considerar a dinamicidade do processo de produção e (re) produção para a sua organização espacial. Nessa leitura,

[...] a cidade como espaço produzido vai ganhando novos sentidos, conferidos pelos modos de apropriação do ser humano, objetivando a produção da sua vida. Deste modo, a apropriação revela-se como uso dos lugares em tempos definidos para cada atividade – produtiva ou não-produtiva. Assim a cidade pode ser analisada como lugar que se reproduz enquanto referência – para o sujeito – e, nesse sentido, lugar de constituição da identidade que comporá os elementos, e nesta medida, a análise da cidade revelaria a condição do homem e do espaço urbano enquanto construção e obra. (CARLOS, 2007, p. 23)

Para tanto, é indispensável inserir o cotidiano vivenciado quando se analisa o espaço urbano, em razão de que as relações sociais se materializam em bases territoriais concretas reveladas na prática espacial da sociedade, ao entender que “a noção de tempo é fundamental. A sociedade atual e a paisagem, pelas suas formas são compostas de atualidades de hoje e do passado” (SANTOS, 2007, p.60). O tempo não pode estar dissociado dessa análise, pois não há espaço sem tempo e vice-versa.

Ao tratar do movimento vital de um povo, suscitam-se questões quanto as categorias sociais que dela fazem parte. Não menos importante, a categoria social da velhice, ou seja, trazer à tona os idosos e as idosas como componentes singulares e basilares para a compreensão da vida humana na cidade. Como bem destaca Bosi (1994, p. 77) “além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social”.

A sociedade define a velhice como um apêndice na vida cotidiana e não mais como pertencentes ativos de uma comunidade. É um tempo hostil em que as gerações jovens são ensinadas a terem medo do envelhecimento. Há uma resistência em lidar com os desafios econômicos e sociais que estão relacionados ao aumento da população idosa. Bosi (1994, p. 63) aponta essa realidade ao afirmar que “a sociedade rejeita o velho, não oferece nenhuma sobrevivência à sua obra. Perdendo a força do trabalho ele já não é produtor nem reproduzidor [...] a sociedade industrial é maléfica para a velhice”. Essa questão engloba a dimensão biológica, temporal e social.

Observa-se que ao tratar da categoria idoso e idosa, seja em que esfera for, fala-se tanto da vida orgânica quanto da vida em sociedade. É um conjunto que resulta não apenas de aspectos biológicos. São observados no desenrolar do cotidiano, nas expressões da cultura, que se desenvolvem em um novo ciclo, bem como nos ajuntamentos e suas derivações decorrentes dessas atividades, sejam nos centros das cidades, nos bairros e/ou nas feiras culturais. Isso igualmente promove o significado de ser idoso e idosa na cidade contemporânea.

### 3 | ENVELHECIMENTO POPULACIONAL

Vive-se um período histórico em que o aumento da longevidade e as baixas taxas de fecundidade têm acarretado mudanças na pirâmide etária brasileira. De acordo com o censo demográfico de 2010 (IBGE, 2010), a população brasileira é de 190.755.199 milhões de pessoas, sendo que 51%, o equivalente a 97 milhões, são mulheres e 49%, o equivalente a 93 milhões, são homens. Essa mudança histórica proporcionou um novo momento para o Brasil. Conforme indicado:

O aumento da esperança de vida ao nascer pode ser visto como uma das maiores conquistas da sociedade brasileira na última metade do século XX. O período após a Segunda Guerra Mundial foi marcado por uma redução expressiva nos níveis de mortalidade infantil. Essa redução foi seguida por uma queda, também significativa, da mortalidade nas idades adultas, que a partir dos anos 1980 atingiu a população idosa. Todos esses movimentos resultaram em aumentos expressivos na esperança de vida. (CAMARANO; KANSO; MELLO, 2004, p. 78)

No tocante a população idosa, segundo o mesmo censo (IBGE, 2010), o contingente de pessoas idosas que segundo a Política Nacional do Idoso e o Estatuto do Idoso, tem 60 anos a mais, é de 20.590.599 milhões, ou seja, aproximadamente 10,8 % da população total. Desses, 55,5 % (11.434.487) são mulheres e 44,5% (9.156.112) são homens. Para Küchemann (2012, p.165) “o Brasil é um país que envelhece a passos largos. As alterações na dinâmica populacional são claras, inequívocas e irreversíveis. Desde os anos 1940, é entre a população idosa que temos observado as taxas mais altas de crescimento populacional”.

O envelhecimento populacional no Brasil representa um fato recente e tem uma população idosa que é uma das maiores do mundo, em termos absolutos. A análise mostra que:

Em 2050, a expectativa de vida nos países desenvolvidos será de 87,5 anos para os homens e 92,5 para as mulheres (contra 70,6 e 78,4 anos em 1998). Já nos países em desenvolvimento, será de 82 anos para homens e 86 para mulheres, ou seja, 21 anos a mais do que os 62,1 e 65,2 atuais. (ALMEIDA; MAFRA; SILVA; KANSO, 2015, p. 119)

Esse processo torna-se visível nos anos 1990 como consequência da queda da taxa de fecundidade, iniciada nos anos 1960, levando o país a um dos mais rápidos processos de envelhecimento populacional observável no atual conjunto dos países mais populosos do mundo. O aumento da longevidade deve ser reconhecido como uma conquista social.

O avanço tecnológico, aliado a uma medicina cada vez mais especializada molda uma atual forma de envelhecer, aumentando a expectativa de vida entre homens e mulheres. No entanto, este novo cenário é visto com preocupação, pois exige do Estado novas políticas públicas de disposições legais, onde as perspectivas concretas em termo de acesso aos espaços públicos e a própria cidade devem ser percebidas e garantidas, reconhecendo o idoso como sujeito político detentor de novos direitos.

A sociedade brasileira tem envelhecido e, ao mesmo tempo, os idosos e as idosas

participam da efetivação da vida cidadina. Eles naturalmente têm um ritmo mais lento, mais calmo, maiores dificuldades de locomoção, aumento dos problemas de saúde em contraponto com a realidade urbana que busca agilidade, rapidez, produção em alta escala, ou seja, modelo de cidade em que a população idosa precisa ajustar-se. Para tanto, cabe analisar a cidade contemporânea sob esse olhar.

#### 4 | A FEMINIZAÇÃO DA VELHICE

É urgente lidar com a questão do envelhecimento populacional. Nas últimas décadas do século XX notou-se a retomada da valorização do idoso através de programas de inserção, de promoção da cidadania, autonomia e criação de leis. No Brasil criou-se a Política nacional do idoso (Lei nº 8842 de 4 de janeiro de 1994), regulamentada pelo Decreto nº 1948 de 3 de julho de 1996. “Foram estabelecidos princípios, diretrizes e competências, com o objetivo de assegurar os direitos sociais do idoso e as condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. (FERNANDES, 2000, p.31).

No ano de 2003, mais precisamente em 1º de outubro é sancionada a Lei 10.741 que estabelece o Estatuto do Idoso com todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade.

Esse instrumento legal conta com 118 artigos versando sobre diversas áreas dos direitos fundamentais e das necessidades de proteção dos idosos, visando reforçar as diretrizes contidas na Política Nacional do Idoso. É inevitável verificar que nas últimas duas décadas muito se avançou na questão do envelhecimento populacional no que se refere à agenda internacional e nacional, no entanto, fica pendente a inevitabilidade de que essas leis se façam valer no cotidiano dos idosos brasileiros.

Quando se trata desse processo, não há como esconder o fenômeno conhecido pelos demógrafos como feminização da velhice. Com o aumento da expectativa de vida existe uma sobrevivência maior e melhor entre as mulheres, especialmente no Brasil. Conforme Salgado (2002, p. 08)

As mulheres vivem, em média, sete anos mais do que os homens e estão vivendo mais do que nunca. Outra característica deste grupo populacional é que existe uma maior proporção de viúvas do que em qualquer outra faixa etária. Uma razão que poderia explicar essa situação é que, por tradição, a mulher tende a se casar com homens mais velhos do que ela, o que, associado a uma mortalidade masculina maior do que a feminina, aumenta a probabilidade de sobrevivência da mulher em relação ao seu cônjuge.

Toda essa expectativa de vida aumentada leva a outras questões, não menos importantes, pois toda a vida dessas mulheres idosas tem histórias e memórias que as ligam as suas famílias, seus grupos de convivências, suas profissões, enfim toda a sua história de vida. Pode-se assinalar, sem dúvida, que a velhice se feminilizou, ou seja, “converteu-se em um assunto de mulheres” (SALGADO, 2002, p. 18). O fato mais

significativo e simples sobre a velhice é que a população idosa é predominantemente feminina.

Nessa confluência, aprofunda-se a questão: Qual o significado de envelhecer? É conflituoso pertencer a cidade que predominantemente é um lugar para os jovens, para quem é produtivo. Neri (1991, p.31) questiona:

O que significa ser velho no Brasil hoje? Sentir-se e ser visto como um indivíduo operativo, aceito, valorizado, integrado? Ou o inverso? Sentir-se e ser considerado de forma substancialmente diferente de crianças, jovens e adultos mais jovens? Ser avaliado e avaliar-se positivamente ou negativamente? Enfim, haveria uma resposta única a essa questão?

A concepção do trabalho, como princípio ordenador da vida social é produto do mundo moderno. Portanto, a idosa aposentada quando se afasta do mundo produtivo, distancia-se também do espaço público, ficando com a sociabilidade enfraquecida, uma vez que, foi frequentemente construída, sobretudo a partir das relações de trabalho.

Na atualidade, algumas mulheres idosas são renegadas à alguns cantos da casa, ao quarto, a limitação espacial, etc. Perdem-se as ruas porque são julgadas como perigosas. Diminuem os convívios, os contatos com a vizinhança. A experimentação da cidade, dos bairros, dos espaços da cidadania não é mais possível, por não serem “ativas”, perderam a funcionalidade conforme os ditames da sociedade capitalista.

Dentre os inúmeros desafios apresentados, destaca-se o oferecimento de ambientes adequados às reais necessidades da população idosa, ou seja, indicar como a cidade deve se adequar a esta outra realidade, em forma e conteúdo, pois “trata-se, que para o entendimento da natureza da cidade, de analisá-la a partir dos pontos de vista do cidadão de um lado e do capital de outro, enquanto unidade do diverso” (CARLOS, 2007, p.73), considerando este um imenso desafio ao perceber o despreparo das estruturas econômicas, sociais e políticas das cidades brasileiras para lidar com os impactos dessa transição demográfica. Segundo Santos (2007, p. 157-158):

Por exemplo, na esteira do que escreveu Henri Lefebvre, muito se fala do “direito à cidade”. Trata-se, de fato, do inalienável direito a uma vida decente na cidade ou no campo. Mais do que um direito à cidade, o que está em jogo é o direito a obter da sociedade aqueles bens e serviços mínimos, sem os quais a existência não é digna. Esses bens e serviços constituem um encargo da sociedade, por meio das instâncias do governo, e são devidos a todos. Sem isso, não se dirá que existe o cidadão.

Nesse limiar, a leitura se volta para o entendimento da velhice e a vivência da mulher idosa no Brasil. Para tanto, Neri (1991, p.31) pergunta:

Mas de que velho estamos falando? Onde mora? O que faz? Que idade tem? Quais suas condições de saúde? É Homem ou mulher? Tem ou teve família? É rico ou pobre? Trabalha ou é aposentado? Tem poder e prestígio? O que sabe? Vive em sua casa ou asilo? Qual sua experiência pessoal de envelhecimento e velhice? (NERI, 1991, p.33)

No bojo dessas questões, é necessário avaliar o espaço ocupado pela mulher idosa nas cidades brasileiras. Além dos aspectos físicos do espaço urbano, da ampliação da acessibilidade e, sobretudo, a mobilidade que são fundamentais para resguardar o direito constitucional de ir e vir, de ocupar assentos nos ônibus, de ter preferência nos atendimentos em ambiente públicos e/ou privados. É urgente compreender como elas apossam dos espaços que ainda lhes são “permitidos” nas cidades. Ou ainda identificar quais os locais em que as idosas se comunicam livremente, dividem suas ansiedades, compartilham experiências para plena efetivação do labor diário.

## 5 | O ESPAÇO DA MULHER IDOSA CONQUISTENSE

Não há como negar que todo o estilo de vida dessas mulheres, ampliadas ao longo do tempo interfere diretamente nos anos finais de suas existências. As capacidades básicas que foram adquiridas em tempo anteriores, as redes de apoio que elas encontraram no decorrer da vida, a família, os grupos sociais, a comunidade em que vive e viveram, o bairro, a vizinhança, os contatos sociais que se efetivam diariamente, contribuem de forma decisiva para o (re) engajamento na esfera social.

Tudo o que foi construído, especialmente de âmbito social, fará parte de um novo ajustamento para a fase vigente. Será um aporte para uma outra maneira de se inserir na cidade. Uma reorganização para que a vida se torne, ou continue funcional resguardada as devidas imposições relacionadas à saúde, a mobilidade, ao ritmo e disposição associada a hostilidade própria do espaço urbano.

Ao iniciar a aposentadoria surge uma etapa inusitada para as idosas, que mudarão o ritmo de trabalho, pois sempre estiveram divididas entre a casa, as tarefas domésticas e o trabalho remunerado fora desse ambiente. Agora, elas necessitam recomeçar um novo estilo de vida, uma mudança do que costumeiramente e por anos a fios realizavam.

Daí em diante o espaço da idosa, no primeiro momento, se refere tão somente a casa. Mudam-se os hábitos e a rotina. Posteriormente, podem até passar a residir com os filhos e outros parentes. Camarano (2003, p. 45) comenta que “a distribuição das famílias que contêm idosas por grupos étnicos segue a mesma distribuição da população. A composição dessas famílias pela tipologia estudada *de idosas e com idosas*”. Ou seja, existe uma diferenciação entre as idosas que estão sendo lideradas pelos filhos e/ou algum parente, e as idosas que ainda governam suas próprias residências. Dessa maneira, existem, pelo menos, duas formas de compreensão que sejam:

As famílias com idosos foram divididas em dois grupos: famílias **de idosos**, onde o idoso é chefe ou cônjuge, e famílias **com idosos**, onde os idosos moram na condição de parentes do chefe ou do cônjuge. Investiga-se a existência de associação entre dependência financeira e autonomia física e a composição dos domicílios com a presença de idosos. Espera-se que os idosos menos dependentes financeiramente e em melhores condições de saúde encontrem-se em maior número nas famílias

**de idosos** e os mais dependentes em famílias **com idosos**, onde ele assume a posição de parente do chefe ou do cônjuge. Reconhece-se, também, a possibilidade de se encontrar arranjos em que o chefe tem renda, não tem autonomia para lidar com as atividades do cotidiano e a cônjuge não tem renda, mas pode cuidar do chefe. (CAMARANO; KANSO; MELO; PASINATO, 2004, p. 145)

Essa realidade é perceptível nas cidades do país. Mediante esse fato, questiona-se: qual o espaço ocupado pelas mulheres idosas na cidade baiana de Vitória da Conquista?

Nessa cidade, a feminização da velhice não é novidade. Na última década a base da pirâmide se tornou mais estreita e o topo mais representativo, com o aumento da população idosa. No censo demográfico, realizado pelo IBGE, de 2000 tinha-se 3.170 idosos com 60 anos ou mais, e 3.716 idosas na mesma faixa etária. Em 2010, esse número foi de 4.229 de idosos e 5.050 de idosas, reafirmando assim o envelhecimento populacional no país.

Em meio a todas as transformações populacionais, é preciso abarcar o espaço ocupado por essas mulheres idosas no espaço urbano. Não trata de especular os espaços físicos, necessariamente, nos quais as idosas circulam e permanecem. Convém perscrutar as esferas simbólicas em que esses grupos ocupam e como se sente pertencentes à cidade, e quais atividades colaboram no transcurso de usufruírem socialmente de Vitória da Conquista. O direito à cidade significa a participação nos valores como bens públicos, patrimônio e serviços. Porém, inclui-se aí, os valores simbólicos, culturais e estéticos de uso da cidade como um bem coletivo.

Uma alternativa apresentada para uma reinserção das idosas ao convívio em sociedade são chamados grupos de terceira idade. A Política Nacional do Idoso (Lei nº 8.842/1994) definiu os conselhos nacional, estaduais, do Distrito Federal e municipais como “órgãos permanentes, paritários e deliberativos” e responsáveis pela “formulação, coordenação, supervisão e avaliação da política nacional do idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas”. Segundo o Estatuto do Idoso (Lei Nº 10.741, de 1º de outubro de 2003.), as competências dos Conselhos dos Direitos do Idoso são “[...] a supervisão, o acompanhamento, a fiscalização e a avaliação da política nacional do idoso, no âmbito das respectivas instâncias político-administrativas”.

Dessa maneira, os grupos chamados de “terceira idade” foram sendo criados e estabelecidos para atender de forma mais eficaz essa população e promover a integração dessa camada da população, no intuito de combater o isolamento tão comum nessa fase da vida, afinal [...] “o isolamento social é um dos que mais afeta o bem-estar do indivíduo da terceira idade e contradiz a sua necessidade de socialização e convivência intergeracional” (SANTOS; VAZ, 2008, p.334).

Destarte, destaca-se nessa pesquisa dois grupos destinados a população idosa. Quais sejam: o Sempre Viva, gerenciado do Serviço Social do Comércio- SESC e o Vivendo a Terceira Idade sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. Tem objetivos de propiciarem a integração com o desenvolvimento de

atividades que os despertem a autoestima, a socialização, o aprendizado de novas habilidades, a conversação, o resgate da autonomia, desenvolvendo atividades lúdicas entres outras. A importância dos grupos reflete em qualidade de vida:

Os grupos de convivência têm sido uma alternativa estimulada em todo o Brasil. De maneira geral, inicialmente os idosos buscam, nesses grupos, melhoria física e mental, por meio de exercícios físicos. Posteriormente, as necessidades aumentam, e as atividades de lazer, como viagens, também ganham espaço, além do desenvolvimento de outras atividades, sempre promovendo atividades ocupacionais e lúdicas. A percepção de uma boa qualidade de vida está diretamente interligada com a autoestima e ao bem-estar, e esses fatores estão associados à boa saúde física e mental, a hábitos saudáveis, a lazer, à espiritualidade e principalmente à manutenção da capacidade funcional do indivíduo. (SOUZA; GALANTE; FIGUEIREDO, 2001, p. 823).

O grupo *Vivendo a Terceira Idade* é um programa municipal para idosos, criado em 1997, buscando a valorização da pessoa idosa, oferecendo diversas atividades educativas e de lazer através de grupos de convivência, além de viagens turísticas e eventos culturais. Atualmente atende a 400 idosos e idosas.

Os serviços prestados são: grupos de convivência; oficinas de artesanato, de pintura, de reciclagem, de bordado, de crochê; alfabetização; salão de beleza; excursões turísticas e bailes temáticos, que tem por foco o desenvolvimento de atividades que contribuam no processo de envelhecimento saudável, no desenvolvimento da autonomia e de sociabilidades, no fortalecimento dos vínculos familiares e do convívio comunitário e na prevenção de situações de risco social.

A intervenção social deve estar pautada nas características, nos interesses e demandas dessa faixa etária. É indispensável considerar que a vivência em grupo, as experimentações artísticas, culturais, esportivas, de lazer e a valorização das experiências vividas constituem formas privilegiadas de expressão, interação e proteção social. Incluem aí vivências que valorizam suas experiências e que estimulem e potencialize a condição de escolher e decidir.

O grupo *Sempre Viva* gerenciado pelo Serviço Social do Comércio – SESC em Vitória da Conquista atende idosos e idosas a começar com 60 anos. Tem como objetivo principal oferecer uma melhor qualidade de vida à terceira idade. As ações são voltadas para trabalhos em grupos com pessoas da mesma idade e de outras gerações. As atividades privilegiam a cidadania e a educação por meio de projeto previamente elaborados, que estimulam o convívio social.

Os objetivos secundários propõem estimular o desenvolvimento coletivo e individual do idoso e da idosa na sociedade, promover a sua autoestima e integração em diferentes ambientes e reconstruir sua autonomia por meio de cursos, esporte e atividades culturais.

Nos programas apresentados os homens e mulheres idosos são convidados a participarem de todas as atividades oferecidas. São realizados cadastros para um conhecimento geral sobre a saúde, escolaridade, atividades que ainda desempenham no mercado de trabalho, quase sempre na informalidade, uma vez que são aposentados.

A maioria é composta de viúvos e viúvas. Mais de 60% deles vivem em suas residências e são amparados pelos filhos, no tocante à visitação e são acompanhados por eles no cotidiano, tais como em visita à médicos e hospitais, na realização das compras de supermercado, feiras. Alguns são cuidados por acompanhantes que estão com eles durante o dia e à noite.

Nos programas, eles podem participar de oficinas de costura, se especializam em contar história, dançam, fazer teatro, musculação, ginástica, natação, entre outras. Nota-se que a participação feminina é superior a masculina. Nos grupos em questão a maioria é de idosas. Elas também são mais frequentes as atividades desenvolvidas e conseguem permanecer por mais tempo visitando e colaborando para o crescimento dos grupos. “Aqui nós vivemos mais e melhor”, relata uma senhora de 70 anos que é uma artesã, confecciona toalhas de mesa de crochê. “Eu me sinto com 20 anos a menos, pois canto, danço e ajudo as novatas, ou seja, as que acabaram de chegar para as reuniões e o ajuntamento”.

Nesses ambientes em questão, as idosas conseguem reaprender a pôr em prática o que anteriormente não tinham tempo ou atividades consideradas esquecidas como costurar, fazer trabalhos manuais, voltar a dançar, etc. “Nós conseguimos nos fortalecer e compartilhar as alegrias e tristezas e assim ajudamos uma a outra”. O sentido do ajuntamento, do aprendizado, das trocas de experiências reforça a identidade e desperta para a possibilidade de viver de forma mais proveitosa, a ter que permanecer em casa durante todo o dia e sem perspectivas de mudança de rotina. Uma senhora de 79 anos declara que:

Temos um compromisso de vir as reuniões e sempre aprender coisas novas. Um dia a gente dança, conversa, chora, ri e no outro confeccionamos bordados, panos de prato, crochê, ponto de cruz, fazemos o “fuxico” para confeccionar as colchas de cama. Temos momentos de leituras, contamos nossos casos, voltamos a cantar cantigas esquecidas, conversamos com outras pessoas com idades e visões diferentes da nossa. Isso aqui é nossa vida.

Nesse sentido, os grupos de convivência da cidade de Vitória da Conquista são uma forma de interação, de convivência, uma maneira de resgatar as memórias coletivas, de exercitar as práticas culturais adormecidas e a proporcionar a manifestação desse conjunto de mulheres que ocupam um espaço simbólico na cidade, pois através dessas ações conseguem realizar feiras culturais para vender seus produtos nas praças, nos eventos promovidos pelas instituições fomentadoras dos grupos.

O alcance desse trabalho é abrangente, pois elas conseguem diariamente convidar uma amiga idosa, uma vizinha, uma conhecida para fazerem parte das reuniões e daí a participação aumenta constantemente. À medida em elas se sente mais bem-humoradas, dispostas, alegres, satisfeitas com o que estão produzindo, aprendendo e compartilhando, os grupos se fortalecem. É, na verdade, um influenciador para a continuidade delas nos programas. As mudanças positivas são perceptíveis e reais para cada uma. Isso resulta numa reavaliação da postura individual diante da vida, dos seus dilemas e propósitos para o futuro.

Aqui a leitura de ocupação dos espaços não é prioritariamente em um local fixo. Existe um espaço simbólico que vem sendo ocupado e permanecido pelas idosas na cidade em questão. Nos grupos, elas aprendem diversas maneiras de contar histórias. Em seguida, vão as escolas municipais de ensino fundamental e se reúnem com diversas crianças, relembram casos e rememoram suas vidas em forma de história; e nos dias seguintes já estão em outra escola com um público diferente. Uma idosa de 80 anos narra que:

Hoje eu contei as histórias que meus pais me ensinaram. Essas crianças nunca tinham ouvido. Elas prestam a atenção e eu lembro de tudo. É como se estivesse acontecendo na minha frente. Não tem em nenhum livro de história que vende na livraria. Está tudo aqui na minha mente. Eu penso na história, repasso para não esquecer e na hora do intervalo a escola me chama para contar. Elas gostam, ficam quietas e ouvem tudo.

Aos poucos as idosas vão deixando seus lares e usufruindo dos espaços na cidade. Vão marcando esses encontros com sua presença, suas histórias, sua forma de contar a própria existência. Deixam marcas na memória de quem as assiste e são marcadas pelas experiências desenvolvidas. Algumas delas permanecerem pouco tempo na escola quando crianças e adolescente; pois o mundo do trabalho, os afazeres domésticos, a criação dos filhos as impediram de continuar estudando. Agora envelhecidas fazem parte do cotidiano da escola de uma forma que nunca imaginaram. Ocupam as escolas para entreterem crianças e adultos no relato de sua existência.

Existe na cidade um evento que acontece, geralmente, no final do ano que são as feiras em praças públicas para a venda de artesanato. São vendidos toalhas de mesa, utensílios de crochê, artesanato feito à mão, para ornamentação da casa. Panos de pratos decorados com pontos de cruz, um bordado tradicional que vem passando de geração a geração. Toalhas pintadas à mão, etc... Todo o trabalho manual é realizado pelas idosas e mulheres mais jovens. A feira é aberta à participação de todos os artesãos e artesãs. Inclui a participação das idosas que durante o ano confeccionam material para a venda nas barracas.

Tem-se a manifestação das mulheres idosas durante uma semana no centro comercial da cidade. Um momento de reviver a cidade sob novo prisma, a do trabalho realizado conjuntamente nos grupos sociais e expostos para conhecimento dos moradores. Elas que o fizeram, tem história, tempo, erros e acertos na produção. Algumas relatam que nunca aprenderam qualquer tipo de artesanato até a aposentadoria, outras que tiveram a oportunidade e tempo para esse tipo de confecção.

O curioso é que esse momento não se traduz apenas na venda dos produtos. No contato com os compradores, desenvolve-se uma conversa, um bate papo que proporciona uma interação com o grupo de idosas e, assim, possibilita uma aproximação maior que culmina no conhecimento a respeito dos projetos de terceira idade oferecidos na cidade e delas mesmas.

A população idosa, com a efetiva participação feminina, leva a público os

membros dos grupos sociais, e com isso há uma maior visibilidade deles e delas. Indicam também que são integrantes da vida urbana na participação de renda, no consumo, enfim na produção espacial.

Nos corais da terceira idade, as mulheres têm uma presença maciça e se apresentam nas datas festivas do município. As rodas de conversas são promovidas com a atuação delas nos mais diversos assuntos. Participam dos bailes que as fazem rememorar os tempos da juventude, do namoro, das descobertas do amor. Aprendem a dançar ou apenas se fazem presentes para assistir as apresentações. Nesses espaços de manifestação, a mulher idosa se vê como integrante da cidade e como tudo isso dá sentido à vida. É ao mesmo tempo uma experimentação dos espaços de forma simbólica e real.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O significado do envelhecer é a construção do movimento que possibilita o direito à vida, a saúde, a produção social, a ocupação dos espaços na cidade contemporânea. Ampliar-se além das regras e normas, das formalidades, da limitação pessoal e coletiva. As mulheres idosas que participam dos grupos sociais na cidade de Vitória da Conquista têm ampliado as perspectivas em torno do conceito da velhice, ainda que seja de uma forma tímida, inicial e por vezes, nem tenham consciência de que o fazem.

Tem-se com isso a possibilidade de tecer uma maneira de preservar o invisível, ao permitir o espaço urbano seja experienciado a partir das lembranças, das memórias de tempos passados que as fizeram sentir-se seres integrantes e constituintes do espaço.

Os grupos sociais para a terceira idade são instrumentos capazes de reinserir essa categoria social na cidade, especialmente de uma forma simbólica e significativa. Uma reconstrução possível do idoso e da idosa nas cidades brasileiras. Uma conjunção possível entre o passado e o futuro quase instantâneo, e, sobretudo, o direito a perpetuar-se.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alessandra Vieira; MAFRA, Simone Caldas Tavares; SILVA, Emília Pio da; KANSO, Solange. **Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 115 - 131, jan./jun. 2015.

ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004.

BRASIL, Ministério da Saúde. Lei nº 10.741. **Estatuto do Idoso** / Ministério da Saúde - 3. ed, Brasília : Ministério da Saúde, 2003. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm)> Acesso em: 23 de agosto de 2017.

BRASIL, Ministério da Previdência e Assistência Social Lei n. 8.842. **Política Nacional do Idoso**. Brasília: DF, 4 de janeiro de 1994. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm)>

Acesso em: 23 de maio de 2017.

BRASIL, IBGE. **Censo demográfico**, 2010. Disponível em [www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) Acesso em: 23 maio de 2017.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças dos velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão. Quão além dos 60 poderão viver os idosos brasileiro? In: CAMARANO, Ana Amélia (Org). **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange; MELLO, Juliana Leitão PASINATO, Maria Tereza. Famílias: Espaço de Compartilhamento de Recursos e Vulnerabilidades. **Os novos idosos brasileiros muito além dos 60?** Rio de Janeiro: IPEA, 2004

CAMARANO, Ana Amélia. Mulher idosa: suporte familiar ou agente de mudança? **Estudos Avançados**. São Paulo, 2003, v. 17, N. 49. p. 35-63.

CARLOS, Ana Fani. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CAVALCANTI, Lana de Souza (org.) **Geografia da cidade**. Goiânia: Alternativa, 2001.

FERNANDES, Julieta Cristina. Urbanismo e envelhecimento: algumas reflexões a partir da cidade de Uberlândia- MG. **Caminhos de Geografia- Revista On-line do programa de Pós-Graduação em Geografia**, ano 2002, pg. 31-49, dez/2000.

KÜCHEMANN, Berlindes Astrid. Envelhecimento populacional, cuidado e cidadania: velhos dilemas e novos desafios. **Revista Sociedade e Estado**. Brasília, v. 27, 165-180, N. 1, 2012, p. 165.

NERI, Anita Liberalesso. **Envelhecer num país de jovens: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 1991.

SALGADO, Carmen Délia Sanchez. Mulher idosa: a feminização da velhice. In: **Estudo Interdisciplinar do Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 4, p. 7-19, 2002.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7ª Ed. São Paulo: Edusp, 2007.

SANTOS, Geraldine Alves dos, VAZ, Cícero Emídio. Grupos da terceira idade, interação e participação social. In ZANELLA, AV., et al., org. **Psicologia e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Centro Edelsteinde Pesquisas Sociais, 2008. pp. 333-346. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

SOUSA Liliana, GALANTE Helena, FIGUEIREDO Daniela. Qualidade de vida e bem-estar dos idosos: um estudo exploratório na população portuguesa. **Rev Saúde Pública**. São Paulo: USP, 2003;37(3), p.364-71.

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-165-7

